



entrevista com

JOAQUIM DE FELIPE

Entrevista com Joaquim Luís de Sousa, guia de Folia Joaquim de Felipe. Joaquim nasceu em Planaltina-GO, dia 06 de setembro de 1956. Entrevista realizada na sua residência em Planaltina-DF, dia 13 de maio de 2018. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Sara de Melo, Daniel Choma e Tati Costa.

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Domingos: O senhor é natural de onde?

Joaquim: Eu sou nascido numa posse que tem aqui no município de Planaltina, Goiás mesmo. Lá chama Posse, Goiás. Então é município de Planaltina, Goiás.

Domingos: Como é que foi a infância do senhor lá?

Joaquim: Trabalhando desde criança, trabalhava na roça. Na época que eu fiquei rapazinho de dez, doze anos, eu não gostava de Folia não. Nós éramos três irmãos, só um que gostava e dois não - eu e o mais velho não gostava. Aí o outro ia, chamava nós e nós falava “não, nós não vai não, nós vai se for pra forró, essas coisas.” Dançar nós ia, mas pra Folia não. E depois com os pais, que foram indo, chegava e conversava... Depois de mais tempo, eu estava com uns dezenove anos, aí ele conseguiu levar nós uns dias pra Folia. Naquela época era muito rígido. Criança, rapaz, pessoal novo, igual eu cheguei com dezenove anos, não podia participar de nada, que os guias antigos não aceitavam. Pra eles era aquele negócio que Cristo teve os doze apóstolos... Então, Folião também só era doze naquela época. Então você chegava e só podia ficar olhando, só assistindo, mas participar não podia. E aí a gente foi começando a participar assim, só olhando. Porque não podia participar, pois também não sabia fazer nada. Aí meus tios, porque meus tios já eram da Folia, um era regente e tinha outros que eram guia... E através do conhecimento que a gente tinha com os pais da gente, eles foram cedendo aos pouquinhos, pra que a gente pudesse participar. E a gente tomou gosto pela coisa e começou a participar, todos os três. Aí formamos um grupo de Catira e eu aprendi a cantar Catira. Tinha um amigo meu que já sabia, mas ele era sozinho e aí eu fiz parceiro com ele. E aí a gente veio e foi girando as Folias lá da zona rural, depois viemos pra Planaltina fazer apresentação aqui. Porque naquela época tinha no final da festa - igual vai ser sábado que vem - tinha uma participação à noite de frente à matriz, que eram os grupos de Catiras de todas as regiões, que vinham dançar pra mostrar a sua Catira. Porque era diferente, cada um era diferente do outro, então vinha pra mostrar. E por aí foi tomando gosto.

Domingos: E o senhor teve um mestre lá nessa época?

Joaquim: Que me ensinava a cantar Catira, teve. Foi o Luiz, mas ele hoje mora lá pro lado de Formosa. Também não foi muito tempo. Depois que eu passei a guiar Folia ele também mudou e aí a gente nunca mais cantou junto não. Mas aí apareceu outras pessoas, outras pessoas que cantavam. Lá tinha várias pessoas que cantavam, mas quem me ensinou mesmo na verdade foi ele. E aí eu fiquei cantando Catira, cantando Catira, sempre mais outra pessoa. Depois teve um dia em que a gente foi pra uma Folia lá pro tal de Mimoso. Lá tinha um guia bem velho, chamava seu Possidônio, e ele um dia chegou pra mim... Nós ia pra Folia mas eu só sabia cantar Catira, não sabia nada. E o velho ficou meio doente. Aí chegou um dia e ele chegou pra mim e falou: “ó, essa Folia aqui eu guio todo ano, mas como ano que vem eu não vou voltar porque eu já morri, então essa missão quem vai ser o guia agora é o Joaquim”. Eu ainda questionei com ele: “moço, eu não sei fazer nada, como é que eu

guio”? Porque na verdade da cantoria eu não sabia nada, eu só sabia cantar Catira. Ele falou: “não, mas essa noite eu tive um sonho que o Divino me falou que é você que é pra tomar conta disso aqui”. Moço, naquela hora até faltou sangue em mim, porque você chegar numa multidão de gente daquela e você não saber fazer nada. E ele falou: “não, mas o ano que vem é você, eu não venho mais, estou te falando que o ano que vem eu não venho mais e essa responsabilidade é sua, que foi o Divino que pediu pra eu passar pra você”. E eu fiquei o ano todo preocupado, pedindo a Deus que o velho não morresse, pra não chegar aquele dia e ser tão difícil pra mim. Quando faltava três meses pra Folia o velho morreu. E aí eu fui com a cara e a coragem, foi Deus mesmo, o Divino. E consegui guiar a Folia, foi a primeira Folia que eu guiei. Foi muito difícil realmente pra gente que não sabia nada. Foi complicado, mas daí pra cá eu acho que foi o Divino mesmo que abriu as portas, nunca mais parei de guiar Folia. Só essa de Planaltina vai fazer 27 anos que eu guio essa Folia. E da zona rural eu nem lembro, porque eu morei muito tempo lá na zona rural, guiei muitas Foliás lá. Depois na cidade, em 1979 eu mudei aqui pra Planaltina. Mas você está aqui e continua guiando Folia na zona rural, porque o pessoal vem e chama a gente pra guiar a Folia. Porque já confia em você, então estamos aí nessa luta até hoje. Tomou gosto pela coisa e eu gosto da Festa do Divino. E meus tios tudo participavam, meu pai... Então eu segui a tradição da família.

Domingos: Como que era naquele tempo, quando o senhor começou?

Joaquim: Na época em que eu comecei, era bem difícil... Porque é igual eu te falei: os mais velhos não davam oportunidade; eu aprendi foi mais em casa, porque na Folia você não tinha como aprender. Se você quisesse entrar, por exemplo, num Catira, o regente que era o administrador ia lá e tirava a gente: “Você não pode, você não sabe”. Então o que eu via naquela época era muito difícil, porque não tinha oportunidade para os jovens aprenderem. Que hoje eu dou oportunidade pra qualquer pessoa. Tem vezes que a gente dá aula aqui pras pessoas aprenderem. Hoje falta é gente querendo aprender, porque nós está aqui direto pra ensinar, eu o Marcos, o grupo... Tem um grupo: *Unidos na fé*. Mas eu acho que as pessoas hoje gostam mais de badalação. Então realmente é poucas pessoas que a gente encontra que quer aprender. Então naquela época foi difícil porque eu aprendi em casa, porque na Folia não podia. Você não podia transportar nem uma moça. Não podia, não podia namorar porque se namorasse você tinha que pagar multa. Se fosse mais de uma namorada eles pegavam a divisa e o lenço seu, pregava na bandeira, você não podia ficar. Então era muito difícil, não podia transportar uma moça na garupa do cavalo, era proibido. Mulher não podia participar, mulher não podia dançar Catira, mulher não podia cantar que os antigos não aceitavam - era só os homens. E inclusive eram só os homens mais velhos, porque não tinha oportunidade de os novos aprender. Por isso que os foliões acabaram, foi acabando... Então eu fui tomando gosto pela coisa e depois vi que algumas coisas estavam erradas. Então, quando eu tomei a frente da coisa mudei algumas coisas da Folia que tinham que ser mudadas, porque na cabeça da gente era errado. Chegava no pouso, eles diziam que tinham que pedir um agasalho pro dono do pouso, se podia pousar, agasalho pros folião... Mas era o último canto que eles faziam. Eu achei aquilo super errado, portanto, em 1985 eu

mudei. Eu passei a pedir o agasalho, o pouso, na hora que chega a Folia. Você tem que pedir na hora que chega. Agora, depois que já chegou, já jantou, outros já até dormiu, outros foram embora, você está pedindo agasalho pro dono da casa? Não precisa mais. Até gente que tinha que ir embora já foi.... Hoje não, nós chega na fazenda, nós pede na hora. Então essa foi uma mudança que eu fiz. Esse ano eu vou mudar outra coisa que eu também achava errado... Porque chega na Folia, pede o agasalho e depois a próxima é cantar lá no cruzeiro. O quê que o cruzeiro está pedindo? É padecimento de Cristo, porque ele padeceu, foi pra cruz, morreu, ressuscitou. Entendeu? Mas toda vida eu achei que é errado, porque como é que você vai contar um padecimento sem contar o nascimento? Então essa Folia agora já vai ser diferente, primeiro nós vamos contar o nascimento que é lá no altar, pra depois vir pro cruzeiro cantar o padecimento. Como é que você vai cantar a morte de Cristo sendo que você não contou quando ele nasceu? Achei errado e acho errado. E esse ano eu conversei muito aqui com as pessoas, porque é uma coisa que você não pode mudar radicalmente também, pode ter muita repercussão contrário. Então esse ano nós fez novena o ano todo e nessas novenas a gente veio tratando disso e todo mundo aceitou, concordou que realmente não está certo. E esse ano agora já vai ser diferente. E por aí vai, muitas coisas que a gente mudou, a gente acha que mudou pra melhor. Outra coisa é que os antigos faziam assim que chegava no pouso da Folia, fazia o oito de conta com os cavaleiros. Que naquela época tinha uma superstição que se cruzasse a Folia, a bandeira passasse num lugar e viesse, passasse, fizesse uma cruz, morria um folião. Mas tudo era superstição. Sabendo que eles todo dia que eles faziam a Folia eles cruzavam, várias vezes, três vezes eles cruzavam a bandeira... E diziam que não podia cruzar porque senão morria. E não tinha nada a ver, foi coisa que eu mudei também, porque falei pra eles: “isso é superstição porque todo dia que vocês chegam com as Folia vocês cruzam a Folia e nem vê”. E muitos guias mais velhos na época me criticou e depois passado um tempo veio me dar os parabéns que tem outros guias hoje já velhos que não vai, mas fala: “você está certo, vai em frente”. Porque realmente na época a gente tinha uma noção e hoje a gente tem outra. Porque o povo tudo abraçou que estava certo. Então acabou ficando agora da maneira que eu fiz.

Domingos: E o senhor cria os cantorios também?

Joaquim: É, isso tudo é repente na hora, a gente faz moda... Quer dizer, isso não é pra qualquer um, porque tem gente que sabe cantar a moda, mas ele não sabe fazer a moda. Então eu já até perdi a conta de quantas modas que eu já fiz. E cantorio é repente, você tem que fazer na hora, não tem como decorar. A única coisa que é decorado na Folia é o bendito da mesa, agradecer a mesa onde você jantou, almoçou. Esse é meio decorado, mas tem gente que ainda canta diferente. Agora as cantorias não, porque cada cantoria é diferente da outra. Se você chega no cruzeiro é padecimento; se você chega no altar é nascimento. Então não tem como você cantar igual você cantou num lugar, cantar no outro. Então não tem como ser decorado. Então é isso aí, a gente faz ali na hora, tem que ser feito na hora. É um dom mesmo que Deus dá, porque se não for dom, quem não canta com dom não pode ser guia de Folia, porque se ele não tiver o dom de fazer os versos na hora fica complicado.

Isso acho que é um dom que Deus deu mesmo, porque se não fosse... Porque muitas vezes eu vejo pessoa falar, “mas eu quero ser um guia de Folia”. Não é você falar que quer ser um guia de Folia, você tem que nascer com aquele dom. Se não for você vai tentar, tentar e vai ficar em vão, porque não vai conseguir, sem dom não consegue.

Domingos: E qual é a importância do guia na Folia?

Joaquim: Importância do guia é o seguinte. Porque a Folia quando começa... Igual hoje, às sete e meia, oito horas, a Folia alvora. Então o que acontece? O alferes trabalhou o ano todo... O que vai postar a bandeira nós chamamos de alferes. Ele trabalhou o ano todo organizando a festa, eles são os organizadores. Aí depois que a Folia alvora e que começa, a responsabilidade toda é do guia, porque o alferes, a obrigação dele é postar a bandeira. Toda administração será passada ao guia. Então as pessoas até costumam dizer, brinca, “na Folia, se derem certo as coisas o guia não aparece muito não, mas se der errado todo mundo só fala: ah, foi o guia, foi o guia”. Entendeu? Todo mundo comenta assim, então a responsabilidade toda é do guia. Enquanto a Folia não desalvorar, não parar, o guia que é responsável por tudo. Então é isso, a responsabilidade do guia é muito grande, porque você vai ter que ter um, como se diz? Você tem que bolar as coisas, fazer os repentes das cantorias e ainda tem que coordenar todo aquele povo que vai, vai outros foliões de fora que vêm pra cantar, você tem que organizar... Você tem que fazer uma escala para que todo mundo faça alguma coisa e pra não dizer: “eu fui na Folia de Planaltina e cheguei lá não cantei nada, eu gosto de cantar...” Quer dizer, você tem que ter cuidado com isso porque senão no ano que vem ele não vai. Então você tem que fazer que todo mundo que gosta de participar na Folia participe, porque o ano que vem ele está pronto pra voltar, entendeu? Então o guia é igual eu disse, depois que a Folia alvora a responsabilidade toda é do guia. E aí até o final. E aqui também não tem parada... Porque se você desalvora a Folia - nós vamos parar com a Folia dia vinte que é dia de Pentecostes. Aí você já começa a trabalhar de novo pro ano que vem, porque é o ano todo preparando de novo as novenas. As pessoas fazem promessa da festa, da bandeira ir na casa deles, da gente cantar. Toda vez que a bandeira vai na casa de uma pessoa visitar nós vamos, o grupo tem que cantar, já fica isso o ano todo pra quando chegar a Folia estar todo mundo no esquema já, está todo mundo preparado. E a nossa Folia tinha um problema muito grave, grande, que era o tiro de arma de fogo, que quando eu cheguei pra guiar a Folia já existia. Antigamente, atirar de revólver na Folia era tradição. Então foi uma coisa muito difícil, que nós conseguimos acabar com isso. Porque era tradição, todo mundo tinha um revólver na cintura, todo mundo era pra atirar, fazer bonito... E depois que veio aquela lei que não podia mais usar arma de fogo, arma branca, então a gente teve uma batalha muito grande pra acabar com isso. E graças a Deus conseguimos. Hoje nós temos outro desafio na festa, é a música, o som. É complicado, mas a gente está quase eliminando isso aí. Esse ano, conseguimos uma coisa que vai ajudar a gente também: é o policial a cavalo pra andar junto com a Folia, pra ajudar o guia, ajudar as pessoas a coordenar esse negócio aí de som, de arma de fogo... Hoje a arma de fogo a gente

praticamente não tem, mas o som ainda está meio difícil mas a gente está quase conseguindo. E eu acredito que em pouco tempo isso vai ser eliminado também.

Domingos: Qual que é o problema do som?

Joaquim: É porque a música é muito alta. Então você que está tocando e cantando... Você não consegue raciocinar direito com aquele barulho, aquele barulho acaba atrapalhando. Que se você está cantando com o pessoal da Folia, muita gente quer escutar que música que você está cantando e com o som a pessoa não consegue escutar. Então não tem como, as pessoas não têm consciência... Se você falar assim, “liga seu som baixinho”, mas ninguém faz isso. Se você vai lá e diz que a música está alta, ele reclama, baixa, quando você sai ele aumenta a música de novo. Então é a outra campanha que a gente está tentando fazer, mas eu acredito que está quase eliminado, se Deus quiser a gente vai conseguir.

Domingos: As pessoas que vão ver a Folia e as pessoas que a recebem em suas casas, elas se emocionam?

Joaquim: Se emocionam. Tem essa parte aí do guia, porque é muito difícil... As pessoas às vezes estão doentes, faz promessa pra gente cantar pra pessoa, pra pedir saúde, pedir paz e tal. E as pessoas às vezes choram muito, desequilibram, pois a pessoa já não está bem. Então, com o som da música, com a música, a pessoa acaba se emocionando muito. E fica difícil pra quem está cantando... Porque se você tentar participar daquele momento dela, acaba você chorando também e a gente não pode chorar. Você tem que estar firme, porque senão como é que você vai fazer? Quem pediu a promessa chora, se o guia for chorar também não consegue, não tem cantoria. E aí não fica cumprida a promessa que a pessoa fez. Então são coisas bem difíceis, que a gente tem que estar bem concentrado pra que você não ceda. Porque se você ceder também aí não vai... Vai ter que parar... Então é difícil.

Daniel: Que tipo de promessa as pessoas fazem?

Joaquim: Muita gente faz promessa de tirar uma Folia, ser o Alferes. Mas como tem muita gente que não tem condições de fazer isso... Porque você tirar uma Folia dessa que começa hoje é muita coisa! As pessoas, o Alferes da Folia, os organizadores, tem que ter uma família estruturada, porque se não tiver não consegue fazer. Porque é muita coisa pra fazer, é muito problema, é muita coisa pra cuidar e é muita gente... Porque tem pousos que reúne quatro, cinco mil pessoas! Não é fácil você dar comida pra esse tanto de gente. A comida às vezes a população doa, mas os outros democráticos não doa, tem que ser mesmo da pessoa que está coordenando. Então aquele que não tem condições de fazer uma promessa e de tirar a Folia, pra melhorar ele faz uma promessa que é o seguinte: “eu vou pedir um cantório pelo amor de Deus, alguém vai pisar no lugar da enfermidade e o guia vai cantar”... Tem que falar que a enfermidade é naquele local que a pessoa está pisando, ali foi uma promessa que ele fez, se aquela enfermidade desaparecer ele está pagando aquela promessa. Então tem vários tipos de promessa. Outros já fazem a promessa de ir em tal lugar, Bom Jesus da Lapa, chegar lá e subir de joelho. Outros faz a promessa, “vou a pé na Folia”. Porque tem muitos

aí, o Claudio Abrantes, por exemplo, deputado, ele vai todo ano a pé. Todo ano ele tem a promessa dele pra cumprir e várias pessoas também vão junto com ele. Então aquele que faz a promessa, ele tem que cumprir. Se é pra ir a pé, se é pra receber uma cantoria, se é pra tirar a Folia... Depois da promessa feita, tem que cumprir. Então a promessa das pessoas são essas, tem vários tipos de promessa. Outros andam de joelho de um lugar pro outro... Então, sempre aquelas pessoas que fizeram promessa e chegam na Folia, o Guia tem que tomar providência de tudo pra que não volte ninguém sem cumprir aquela promessa. Então tem que ser feita mesmo. Essa Folia agora, por exemplo: se tiver dez, quinze, vinte lá de promessa no andamento da Folia, a semana toda tem que cumprir as promessas de todos. Então é isso que eu estou falando, o Guia sempre fica sobrecarregado porque essas coisas também tem que nascer do Guia. Porque se ele não vai cantar, ele tem que colocar outra pessoa pra cantar, tem que saber quem é a pessoa que vai cantar, se tem capacidade ou não. Porque senão a pessoa vai falar: “a minha promessa não ficou cumprida, porque não falou naquilo que eu queria”. Então tudo isso tem que ser a pessoa certa.

Domingos: O senhor já fez alguma promessa?

Joaquim: Eu? Já. Eu fiz uma promessa, foi em 2002, não é nessa Folia. É uma Folia que nós temos na zona rural, onde nós temos as fazendas nossas. Essa Folia será no mês de julho, dia 18 de julho ela vai começar. Essa moça minha aí, essa caçula, quando nasceu ela tinha um problema de infecção de urina. Era criancinha e a gente levava no médico e não passava... E tornava a levar noutro médico e nada. Aí eu mais a mãe dela fizemos uma promessa que se ela melhorasse nós tirava uma Folia pra ela. Ela tinha um aninho quando nós tirou a Folia e até hoje nunca mais... Está ela aí saudável, graças a Deus nunca teve mais problema. A gente já não tinha coragem mais de levar ela no médico porque chega lá era tanta injeção... A menininha já estava tão traumatizada de tomar tanta injeção que aquilo o coração da gente ficava com dó, porque tinha que segurar... E nós já estava enjoado de segurar essa menina pra tomar injeção. Foi que a gente tomou a decisão de fazer promessa e graças a Deus, o Divino realmente curou que nunca mais teve nada disso. Então é isso que faz as pessoas fazer promessa: as pessoas acreditam. E eu acho que o que faz acontecer é acreditar e ter a fé. Quando você tem fé você será válido. Agora tem pessoas que não acredita... Também não adianta fazer se a pessoa não acredita, se ela acha que não vai valer... Porque eu acho que o que vale mais é a fé. Várias promessas que a gente já fez aí, eu de guia... Eu nem dou conta de contar quantas promessas que eu já fiz pras pessoas. Pessoa que estava desenganada dos médicos, deitada, disse que não tinha mais jeito... E fez a promessa e sarou. E está aí até hoje. Então é uma coisa assim, é um mistério pra gente falar... A pessoa vai pensar: “ah, mas eu acho que isso não acontece”. Mas acontece. E eu sou uma testemunha que acontece. Há vários anos que eu guio Folia e eu já vi muitas passagens que é só pra Deus mesmo e pra quem acredita. Então é isso.

Domingos: O que é a fé?

Joaquim: A fé é o seguinte. Você tem aquela fé e então você vai falar assim: “o Espírito Santo vai me curar disso aqui”. E você não vai desistir daquilo em hora nenhuma. Você diz, “eu falei que eu pedi o Divino pra fazer que se curar eu ou meu filho, eu vou fazer isso, uma penitência” - as pessoas chamam de penitência. Por exemplo, “eu vou a pé na Folia”... É uma penitência muito grande porque não é fácil a pessoa girar uma Folia dessa a pé, é complicado. É longe e é todo dia uma jornada grande. Então tem gente que às vezes nem aguenta, às vezes vem até na metade, fica pro outro ano cumprir o resto porque não aguenta, tem gente que não consegue. Quem já está acostumado consegue. Então a fé é essa, a pessoa não desistir e acreditar mesmo naquilo que ele pediu. E acreditar mesmo que Deus vai curar... E acaba que a pessoa fica curada. Então é o que a gente fala: a fé remove montanhas. Então você tem que ter fé. A fé é o principal de tudo.

Domingos: E a viola é importante na Folia?

Joaquim: Ah, sem viola não tem Folia. Por exemplo, a viola na Folia é... O primeiro instrumento é a caixa. Que às vezes tem umas Folias que anda sem cantoria, nós chama “Folia de Solena”. “Folia de Solena” não tem cantoria, só tem a bandeira, o cara que recolhe as esmolos e o caixeiro. Se andar só essas três pessoas a Folia acontece. Já a Folia com viola não, pra cantoria não tem como ficar sem caixa, sem viola, sem violão, pandeiro, reco-reco, esses instrumentos, cavaquinho... Então tem que ter, a cantoria tem que ter, a viola é o primeiro instrumento.

Domingos: Se o senhor puder mostrar pra gente um canto...

Joaquim: Aí é o que a gente faz assim... Da música que eu mesmo fiz da chegada, que eu falei pra vocês:

[Toca viola caipira e canta versos de sua autoria entoados na Folia do Divino:]

*Senhores donos da casa
Vem chegando nossa Folia
Senhores donos da casa
Vem chegando nossa Folia*

*Vem beijar nossa bandeira
E assistir a cantoria
Vem beijar nossa bandeira
E assistir a cantoria.*

Joaquim: Então isso é a música que a gente mesmo faz da cabeça da gente, não é música que a gente aprendeu com ninguém não. Esse foi o pedido de agasalho que eu falei pra você, que no começo eu achava errado, que era o último que se fazia e hoje é o primeiro. Então eu aprendi a guiar Folia já depois de dezenove anos. Então eu nunca entrei em escola,

tudo que eu sei é mesmo da minha cabeça. Já o Marcos [Maciel] não, o Marcos estudou música, o Marcos ponteiava viola, ele faz tudo. Eu já não sou disso. Que naquela época lá na roça não tinha aula de viola, não tinha nada, não tinha como você assistir aula também... Nós trabalhava a vida inteira. A gente só fazia isso aqui, só aprendia à noite, depois que chegava do serviço. Então à noite ali, antes de dormir, que você aproveitava, ia pegar uma viola, começar a tocar, tentar fazer alguns versos, cantar. Então fazia aquelas modas de viola. Eu não sei nem quantas modas de viola que eu fiz. Agora, você vai ficando mais velho tem horas que você esquece um pedacinho. Porque antes você tinha uma memória tão boa que seu ligasse no seu telefone eu não precisava gravar ele, qualquer dia que quisesse ligar eu sabia o número. Então com a idade a gente vai perdendo um pouco, mas eu ainda sei muitas modas, que eu fiz...

Domingos: Sem ser da Folia, o senhor fala? Ou de Folia também?

Joaquim: De Folia você faz uma moda de uma pessoa, de um acontecimento... Sempre, moda [de viola] tem que ter um acontecimento. Se aconteceu alguma coisa, aí você faz aquela moda sobre aquele acontecimento que teve. Então sempre a moda tem que ter um motivo. Hoje as modas, eu vejo esses caipiras que cantam, muitas pessoas cantam bem, mas as modas... Os caipiras hoje só falam em mulher e não tem mais aquela moda raiz que as pessoas faziam... Uma moda de raiz mesmo, hoje não tem mais. Os cantadores de hoje, às vezes a música é até bonita mas eu me fio, às vezes eu fico assistindo, ainda falo aqui pra meus filhos... A música hoje não é mais raiz porque de primeiro tinha uma história - aquela música contava uma história. E pra nós também não é diferente, se você vai numa Folia, chega lá, vê uma coisa mal feita ou que a pessoa fez uma coisa mal feita, você tira a moda que serve de graça pra cantar na Folia. Todo mundo acha bom porque foi daquele acontecimento que você fez a moda, todo mundo está sabendo. Porque na Folia quando acontece um negócio, todo mundo fica sabendo. Um vai passando pro outro, outro vai passando pro outro, todo mundo sabe. Aí você faz a moda e todo mundo acha graça. Então a Folia boa é isso, é brincadeira, você brinca. Então você distrai, nem sente o dia passar, fica tão distraído ali com aquelas coisas... E é tanto amigo! Então é ótimo, eu gosto da Festa do Divino por causa disso. Porque hoje você chega num baile, ali não tem amizade, cada um chega lá pra dançar, cada um vai com seu par, acabou de dançar cada um vem embora. E na Folia não é isso não, na Folia todo mundo brinca, tem a hora de comer, tem a hora de rezar, tem a hora de brincar. Então é um distraimento realmente excelente.

Daniel: Tem alguma moda sua, que o senhor fez, que poderia mostrar pra gente?

Joaquim: Tem. Eu fiz um bocado de moda, aqui eu fiz um bocado... Deixa eu ver qual delas aqui... [*Dedilha a viola.*] Tem uma moda que eu não sei se eu vou acertar, que eu fiz pro meu pai e minha mãe quando eles morreram.

[*Toca a viola caipira e canta moda "Filho sem pai e sem mãe" de sua autoria*]:

*Eu peguei minha viola
Um dia de tardezinha,
Fui sentar lá no terreiro
Fui pensar a vida minha*

*Não tem pai e não tem mãe
Eu vivo pro mundo jogado
Até dos pobres parentes
Eu estou vivendo abandonado*

*Imaginei a minha vida
Ah meu Deus como há de ser
Tenho que mudar daqui
É meu jeito de viver*

*Mesmo assim eu vou vivendo
Neste mundo de ilusão
Não tem pai e não tem mãe
Ai pra me por santas bênçãos.*

Joaquim: Quer dizer, teve um motivo, meu pai e minha mãe morreram. E eu fiquei só porque meus irmãos tudo eram casados, ficou eu sozinho. Aí é o que eu estou falando, cada moda você tem que ter um motivo pra fazer ela...

Domingos: E com essa moda, é feito Catira junto?

Joaquim: A Catira é junto, essa moda aqui é com Catira junto. Então é por isso que eu falo, eu fiz várias modas assim, mas eu gosto de fazer moda pra cantar na Catira. Ali tem hora que você inventa corretamente na hora, que às vezes acontece uma coisa quando está acontecendo a Catira... Você inventa também, ela tem que ser repente. Então música é assim, tem que ter um motivo. Então é a razão que eu falo pra você, hoje música raiz é pouca. Só esses cantor antigo ainda canta aí, e as músicas deles hoje faz sucesso porque é uma música raiz que vem daquela época. Então todo mundo gosta. Eu me lembro que quando eu era criança, na fazenda onde nós morava não tinha nada, nem rádio tinha. O primeiro rádio que chegou lá em casa na fazenda, me lembro dos caipiras que cantavam, eu era criança. Você vê, coisa de criança e eu ainda lembro até hoje: na segunda era Zé Fortuna e Pitangueira; na terça era Pedro Bento e Zé da Estrada; na quarta Liu e Léo; na quinta era Zilo e Zalo; na sexta era Jacó e Jacozinho; e no sábado Léo Canhoto e Robertinho. Então a gente acabava de trabalhar na roça doido pra chegar de noite pra ouvir esses caipiras cantar. E era escala, todo dia era um diferente... Primeiro rádio que chegou na fazenda, eu era criança de cinco, seis anos, lembro até hoje. Agora, coisa que às vezes acontece ontem, a gente esquece.

Domingos: Tinha circo também?

Joaquim: Lá não, tinha nada não. Na zona rural ia não, não ia circo, não ia nada. Naquela época a gente também nem vinha na cidade, porque tudo a gente produzia lá. Por exemplo, da fazenda do meu pai ninguém vinha aqui comprar nada não. Até açúcar nós fazia, tudo na fazenda. Então a gente veio conhecer a cidade já depois de grandão, rapazão. Mas não tinha negócio de vir na cidade não. Nem transporte não tinha também. Alguns que começou a comprar um carro... Mas naquela época o cara às vezes comprava um carro, quando vinha já vinha com o carro cheio também, não podia trazer. Então hoje as coisas mudaram muito, acho que mudou pra melhor. Algumas coisas. Porque naquela época você ali na fazenda você tinha mais prazer de viver, você tinha mais saúde. As pessoas tinham tempo de ir na casa do outro conversar. Na cidade, aqui, olha, eu nunca entrei num vizinho. Nenhum desses dois vizinhos meus eu nunca entrei, não sei nem que jeito é a casa deles. E na roça não, dava todo dia de noite ia pra casa de um comer batata assada, mandioca assada com carne, na brasa, fazia fogueira, ali tinha as cantorias também... Beirando a fogueira. Era várias vezes. Você já vinha das lavouras, das roças, um trazia mandioca, outro trazia batata, o outro matava frango pra assar... E ali acontecia a cantoria. Todo mundo sentado beirando o fogo e as cantorias aconteciam. Os vizinhos, a vizinhança, todo mundo juntava tudo naquela casa. Se amanhã fosse pra outra casa, todo mundo ia pra lá. Já hoje não. Igual estou te falando, nem na casa do seu vizinho você não entra. Às vezes você mora num lugar, às vezes você conhece seu vizinho, mas é só de encontrar assim na porta, na rua. Mas é assim mesmo, as coisas mudaram, tem que acompanhar o que as coisas são hoje.

Domingos: Dentre os ritos que tem na Folia do Divino, tem algum que é mais importante que o outro?

Joaquim: Não, eu acho que todos que falam do Divino tudo é a mesma... Não tem. Talvez tem pessoa que considere: "ah, eu gosto mais isso". Vai do gosto. Então pra mim que sou o Guia, pra mim todos são importantes. Todos falando no mesmo objetivo, no mesmo nome. Então, aonde está falando no Divino, tudo é importante. Agora tem pessoas que acham diferença, mas eu não vejo como um mais importante do que o outro. Mas aí vem de cada um sua preferência.

Domingos: E é possível a tradição conviver com a modernidade?

Joaquim: É, consegue. Às vezes tem hora que não dá muito certo, mas também aquilo ali a gente faz de conta que não viu, que não aconteceu e deixa a coisa andar. Porque se você for apurar muito também as coisas não andam. É igual Folia: se o guia for muito rígido não acontece. Às vezes tem gente mais velha que chega pra mim, porque ele era acostumado naquele tempo antigo: "Ah, não, você é muito liberal". Não, eu acho que você tem que ter uma maneira, se você apertar muito sai entre meus dedos. Então você não pode deixar o negócio correr folgado também. Eu não deixo, se tem a norma é pra cumprir, tem que ser cumprida. Mas também você não pode pôr norma muito exagerada porque vai ter problema

e aí não dá certo, não dá pra andar as coisas tudo junto. E se você trabalhar meio maneirado dá pra colocar as duas coisas, funcionam sem problema nenhum. Por isso que a nossa festa tem muita gente, porque as pessoas gostam de ir, gostam de participar. E tudo isso, a Folia começa do guia. Tem gente que vem falar: “Folia é fulano”. Tem uma Folia que vai girar em tal lugar, é tradição, todo ano, mas o guia lá é muito enjoado. Porque tem uns guias muito enjoados mesmo. Ele quer proibir tudo, ele quer participar de tudo... Então fica enjoativo, porque as pessoas não gostam. Eu acredito que o guia não pode ser assim, você tem que ser moderado. Algumas coisas você folga mais e algumas coisas você aperta mais, as coisas mais importantes. Igual: mulher. Hoje no nosso grupo tem mulher que dança Catira, tem mulher que canta, faz tudo que antigamente não podia.

Tati: Quando o senhor diz “alvorar” e “desalvorar”... Pode explicar pra gente o que é isso?

Joaquim: Pode. Alvorar a Folia é o dia que a Folia vai iniciar. Momento que a Folia vai iniciar, a primeira cantoria que vai acontecer. Aí já chama de alvorar, porque está alvorando aquilo nas ruas, cada um se alvorar a sua igreja de madrugada. É até bonito, quando você acorda todas as igrejas estão alvorando tudo no mesmo horário. É muito foguete, muita cantoria que eles cantam lá, o som é alto. Eles não fazem cantoria, mas eles têm a oração deles. Então pelo som, você está deitado, você escuta... É lindo. E pra nós lá na fazenda nós também usa isso. O alvorar nosso é o seguinte: é a primeira cantoria que acontece na Folia pedindo pro Espírito Santo que venha alvorar aquela Folia, para correr em paz do começo até o final. E para abençoar aquelas pessoas que estão andando junto, que estão tentando ajudar a fazer a festa. E que venha abençoar tudo, até os nossos animais, porque sem os nossos animais nós não faz nada. Nós vai sair lá de Água Fria até chegar aqui, e o transporte nosso é os animais. Por isso que nós não aceita que ninguém que judie dos animais, de jeito nenhum. Se a pessoa insistir nós tem que tirar aquela pessoa da Folia. Judiar dos animais, jamais. Então é isso, a gente chama de alvorar por causa disso, porque começou. E no dia de parar nós vamos chamar de desalvorada, uns chamam de entrega, que vai entregar tudo aquilo que aconteceu. Outros chamam da desalvorada, quer dizer: alvorou lá e desalvorou aqui, porque encerrou. Só no outro ano. Então alvorada é isso.

Tati: Outra coisa que eu queria que o senhor explicasse: tem cantorio, tem ladainha, que outros tipos de atividades?

Joaquim: Tem. Tem várias diferenças. Tem a cantoria que você está alvorando, ali é a cantoria. Aí você vai pra outro lugar e vem a ter o cantorio da promessa. Aí depois vem a ladainha pra rezar, porque o dono da casa às vezes tem preferência que reza só uma não, reza duas. Aí você tem que cumprir aquilo que o dono da casa está pedindo. Se é pra rezar duas ladainhas reza; se é três, se ele pedir, tem que rezar, porque depois que a festa chegou na casa do cruzeiro a autoridade é do guia, mas lá dentro da casa a autoridade é os donos da casa. Se eles falarem: “eu quero cinco ladainhas”, você tem que rezar. É um gosto deles. Quer que dança cinco, seis Catiras? Tem que dançar. Então depois que a Folia chegou no pouso quem dá as ordens, o que vai acontecer... O dono da casa chega pra mim, vai me

passar, e eu vou distribuir esse trabalho pras pessoas. Eu tenho que cumprir aquilo que ele pediu. Ele não vai pedir pra outra pessoa, ele vai pedir pro guia, porque ele sabe que a administração é do guia. Então ele chega no guia e fala: “hoje aqui eu quero que aconteça isso, isso, isso, isso e isso”. E você tem que tomar a providência pra fazer tudo. E ainda tem outro problema, que você tem que fazer no horário pra que a janta não seja servida tarde. Quando é nove e meia [da noite] tem que estar jantando. Porque é muita gente pra jantar e muitas pessoas da zona rural vêm pra assistir e pra jantar, na hora que jantar ela vai embora, que vai voltar pra casa dele porque amanhã tem que trabalhar. E se você demorar muito na cantoria, demorar a janta, muitas pessoas vão embora sem janta. E o dono da casa não gosta, ele fez comida pra todo mundo e todo mundo tem que comer, aquele que quer ir embora mais cedo também tem que ir, mas ele vai depois que jantou.

Domingos: É o guia quem canta a ladainha?

Joaquim: Não. Ladainha pode ser o guia, pode ser, mas tem outras pessoas que rezam. Então quem tem que rezar a ladainha não importa. Mas a alvorada e a desalvorada tem que ser o guia. Às vezes tem umas cantorias também que as pessoas fazem de promessa que tem que ser o guia que canta. A pessoa faz uma promessa, é o guia que vai cantar. Aí você não pode pôr outro, tem que ser você. O guia vai pisar aqui no lugar da enfermidade que eu estou sentindo, que tem o problema. Então, no caso da gente aqui é o guia que tem o conhecimento: “esse serviço aqui eu posso pôr outro pra fazer, esse eu não posso”. Então a gente já tem tudo agendado aqui na cabeça, quem pode, quem não pode, o que pode, o que não pode. Então por isso que a determinação tem que nascer do guia.

Domingos: E o senhor lembra alguma ladainha pra mostrar pra gente?

Joaquim: Ladainha que a gente canta é assim, porque a ladainha ela é grande. Mas eu falo assim... [*Canta trecho de ladainha em latim*]. E aí vai esticando. É que a ladainha normalmente é rezada do princípio ao fim, é grande. Não é só três, quatro versos não... Então ladainha nós rezamos em conjunto. Se tiver dez pessoas, faz a ladainha todos os dez junto. Se tiver quinze, também reza os quinze, tudo junto. E na Folia tem várias pessoas que sabem. A ladainha é um momento que o Guia às vezes pode até descansar, porque tem várias pessoas ali pra fazer. Senão, se o Guia em todo lugar estiver cantando, quando chega na hora da Folia às vezes a gente nem aguenta, a garganta da gente começa a ficar rouco. Então, nesses pontos que eu sei que o guia não é obrigado a estar presente, às vezes eu escalo outras pessoas pra fazer. Pra mim descansar, entendeu? E é por aí. Então você tem que ter muito controle, você tem que ter muita sabedoria, porque senão você vai ficar fazendo um serviço só e outras pessoas que forem te ajudar ficam lá sem fazer nada. Então você tem que distribuir esse serviço bem distribuído, pra que não sobrecarregue ninguém. Assim todo mundo fica tranquilo e todo mundo participa, que é o que as pessoas gosta. Se ele vai ele quer participar; e se você coloca ele pra participar, ele fica satisfeito e no outro ano está prontinho pra ir de novo. Mas se você não fizer isso, ele fala: “ah, não vou mais não, ano passado eu fui, o guia não me enxergou, não colocou eu pra fazer nada”. Então a

administração do guia tem que ser muito grande. Por isso que eu falo: a Folia alvorou a obrigação é do guia. E aí é muitas coisas, é várias coisas sobre o guia. A hora que começa a jantar, que hora que reza... Tudo é o guia que tem que fazer isso. Então o guia da Folia às vezes é o primeiro que levanta e o último que deita, porque a função dele tem que estar sempre ali administrando. Então é complicado. Mas vai embora, vai beleza, tranquilo, você dorme um pouco ali, levanta já novo de novo... Por isso que a Festa do Divino é gostoso, é bom.

Domingos: Sobre a ladainha, o senhor podia fazer umas duas estrofes direto assim pra gente, cantando? Igual essa que o senhor fez? Só pra gente ouvir um pouquinho mais, que é tão lindo.

Joaquim: É porque tem vários tipos de música também na ladainha. Cada rezador que chega tem uma música diferente. Entendeu? E eu vou cantar ladainha... Eu canto essa música, mas vem outros e cantam diferente. *[Canta ladainha em latim.]*

Então é coisa que você vai cantando, mas é bom com mais gente porque você entoia. Ninguém canta ladainha sozinho. Então tem que ser o grupo todo. E fica bonito. E as mulheres rezando fica mais bonito do que os homem, porque a mulher já tem a voz parecida com a ladainha, aquela vozinha fininha. E aí vem aquele “bendito de beijar” que nós chama. Depois que termina a ladainha, todos aqueles que gostam de beijar o santo, a gente já canta uma música diferente que chama “o bendito de beijar”. Eu mesmo fiz um esse ano passado que fala assim...

[Toca viola caipira e canta versos de sua autoria]:

*Eu convido todos os devotos
E todos queira escutar
Agora chegou o momento
De beijar o rico altar*

*Vem beijar o rico altar
E também vem pedir perdão
Perdoai nossos pecados
E dê a nossa salvação.*

Joaquim: Então esse eu fiz ano passado, mas tem outros mais antigos...

[Toca viola caipira e canta versos de sua autoria]:

*Beijemos, beijemos
Em tão boa hora
Beija o Divino e Nossa Senhora
Nossa Senhora da Piedade*

Louvemos as estrelas da Santidade

Venha pecador com dor no coração

Recorda os teus pecados

E pede a Deus perdão

Pede a Deus perdão

Contrito e arrependido

Beija e beija os pés do senhor ofendido.

Joaquim: Então, cada cantor pode fazer seu verso e chegar lá e pode cantar também, não precisa esperar só aquele verso que eu sei ou que o outro sabe. Se você for cantar do lado da ladainha chega lá e fala: “eu fiz uma música aqui pra cantar”. Então por isso que é importante que cada um mostre o seu serviço que você faz. Eu mostro o meu, as outras pessoas têm oportunidade também de mostrar o deles. Então, isso é que é importante. E fica divertido porque todo mundo que vai participa. Porque já pensou você chegar lá na Folia e ver só o guia cantando? Que tem lugar aí que é assim, eu já fui em Folia que só o guia canta, sozinho do princípio até o final. As pessoas que vai só olha, só assiste, que ele não cede, não deixa ninguém fazer nada. Isso é muito egoísmo. Eu gosto é assim: quanto mais de gente que vai participar com nós é que eu acho bom. Então a gente faz um jogo de cintura ali que todo mundo fica satisfeito, porque todo mundo participa, o importante é isso.

Domingos: E como o senhor aprendeu a cantar ladainha?

Joaquim: Ah, com os antigos. Engraçado que os antigos não sabem nem assinar o nome, mas eles rezam a ladainha assim do princípio ao fim sem errar. É incrível. É por isso que eu falo pra você que é dom. Quando a pessoa nasce com o dom, ela tem o dom praquilo. Porque é igual estou falando, tem gente que não sabe escrever nem a primeira letra do nome dele, mas ele chega e reza a ladainha coisa mais linda do mundo, você precisa ver. Então isso é dom. É um dom que Deus dá. No mês de julho eu vou aqui pra Folia das fazendas nossas, que é uma Folia que foi criada e que foi a promessa da minha menina. E essa Folia ficou. Agora todo ano acontece, só nas férias. A gente faz a Folia só nas férias porque as crianças todas podem andar a cavalo. E só gira lá nas fazendas nossa mesmo, começa lá e para lá. Não tem nada a ver com cidade. É mais gostoso ainda, porque você só gira em fazenda, cada dia está numa fazenda diferente. E aí as crianças... Aqui tem moça e rapaz que já ficam marcando a hora. Que é o calendário de férias, aí todo mundo pode ir. Aí você vê aquele tanto de moça e rapaz e menina a cavalo, menino pequenininho em cavalo danado, é engraçado. Então a Folia lá é muito boa, mas só que a Folia é mais curta. Ela começa na quarta à noite, domingo de manhã encerra. Mas ela dá mais cavalo do que essa agora aqui [de Planaltina]. Lá cavaleiro tem demais. Então a Folia que começou com a promessa da menina foi até uma Folia pequena... A primeira vez que começou, o meu amigo também fez uma promessa pro filho dele. Então era uma Folia que tinha um pouquinho de gente - hoje concentra mais gente do que essa de Planaltina. É enorme. Só que a valência é que ela é curta. Mas é mais só gente de roça mesmo, pouca gente de cidade, a maioria é só da zona rural mesmo. Aí é bom, você vai saindo de uma fazenda e entrando em outra... E agora que

eu aposentei, ficou pior. No tempo que eu trabalhava era mais fácil, “não, não posso não, estou trabalhando”. E agora o cara fala com você: “tem que ir lá mexer...” Rapaz, não posso não. “Você já aposentou mesmo, tem que ir lá!” Então está mais complicado e a idade está chegando, não está dando pra fazer isso mais não. Agora a tendência é diminuir.

Daniel: E a continuidade... Os mais jovens estão se interessando?

Joaquim: Alguns. Tem uns que a gente... Toda novena que nós tem, todas as reuniões que nós tem no correr do ano, sempre estou falando: “quem quiser aprender, é só nos procurar”. Agora tem umas mulheres interessadas aí. As mulheres já estão aprendendo a bater caixa - nessa Folia mesmo tem mulher nova agora que já bate caixa. Criança que sabe pular Catira, que sabe bater caixa também... Então tem umas pessoas que são interessadas. Mas é muito pouco, muito pouco. Eu acho que esse pessoal jovem fica assim, pensando, principalmente rapaz... Às vezes as mulheres gostam mais de participar do que os homens, que os homens acho que ficam com vergonha de falar: “eu estou participando disso aí”. E que a namorada fale: “você é cafona, ficar participando de uma coisa dessa”. Já as mulheres tem mais interesse do que os homens aqui para nós. A mulher hoje está tendo mais interesse, a mulher quer aprender a bater caixa, a mulher quer aprender a cantar, dançar catira, tem muita mulher que sabe, canta, dança catira, bate caixa, pandeiro. Mas os homens são mais desinteressados, que a gente percebe na hora de querer aprender... Os homens estão mais desinteressados.

Tati: E se uma pessoa se interessou, como você sabe que ela vai poder ser um guia de Folia futuramente? Como é que isso aparece?

Joaquim: Aí é no dia a dia que ele vem participar. Normalmente quando você põe a pessoa pra cantar, aí você sabe se ele leva jeito ou não. Porque tem gente que... É isso que eu falo, que é dom. Porque a pessoa fala: “eu quero aprender a cantar”. Só que quando chega nas aulas aqui, nas reuniões você vê que ele não tem talento. A gente conhece logo na maneira que ele começa a cantar, o jeito dele. Se ele é super vergonhoso, então aquela pessoa não serve muito pra isso. Porque você cantar aqui numa reunião aqui, entre vinte pessoas é uma coisa, chegar num lugar que tem três mil, quatro mil pessoas, é diferente. Então essas pessoas, quando chega no meio da multidão, eles não cantam. Às vezes lá na casa dele ele canta bem, no banheiro lá na casa dele, sozinho lá ele canta bem... Mas você também tem que descobrir se a voz dele é pra primeira ou se é pra segunda. Porque tem gente que você pode marcar ele pra cantar em primeira e ele não canta. Aqui nós temos folião que não canta. Folião já velho, já enjoou, e ele canta só de segunda. Outro canta só de primeira. E o cara pra cantar, ele tem que cantar nos dois tons. Porque você vai ver, eu por exemplo: chego em qualquer lugar, eu canto qualquer um. Ele fala: “eu só sei fazer segunda, deixa a primeira comigo”. Quer dizer, você tem que cantar nos dois tons. O Marcos [Maciel] mesmo tem dificuldade de fazer segunda. Mas ele já está cantando agora, eu insisto bem com ele. Porque é igual estou falando: o cantor cantar só num tom não é bom. Ele tem que cantar nos dois tons. Porque daqui a pouco você vai ter que trocar a voz, o cara só de primeira

direto ele vai cansar. Só se você cantar alternado, você canta um verso de primeira e no outro eu canto em segunda; no outro eu vou de primeira, você vem de segunda. Porque quem canta de segunda é mais descansado. E a voz de primeira é uma voz mais alta, mais aguda. Então, quando você vê nos ensaios, você percebe quem tem futuro pra bater uma caixa, quem leva jeito. Quem leva jeito de tocar um pandeiro. Porque qualquer instrumento a pessoa fala: “mas é fácil!” Fácil depois que aprendeu, mas não tem nada fácil. A pessoa fala: “ah, mas a viola é difícil demais”. Não, se você aprender você vai achar fácil, você vai tocar de noite sem nem olhar. Essa viola aqui eu posso pegar nela de noite... As músicas que eu sei tocar aqui eu toco nela no escuro. É porque eu aprendi. Mas na época que eu comecei também achei superdifícil, achei que nem aprendia... E eu ainda não tinha professor. Quem tem professor é diferente, você pega aula aí o ano todo, é diferente. Eu não, eu aprendi pelo dom meu mesmo, pela insistência. Então nos ensaios você já descobre quem leva jeito pra uma coisa, quem leva jeito pra outra. Se não tiver jeito a gente já fala logo: “olha, você vai ter que procurar outra coisa porque dessa maneira aí que a gente está vendo você não vai ter futuro”. Então por aí vai, aparece um que tem futuro pra uma coisa e aí dá certo. É. Porque a pessoa que vem, que quer cantar mas não leva jeito pra cantar, ele vai lá pra caixa, ele vai pra um pandeiro, vai pra um cavaquinho, às vezes aprende a viola mesmo, que o preferido de todo mundo é esse aqui. Todo mundo que vem pra aula quer aprender a tocar a viola. Mas a viola é mais difícil que o violão. Porque viola tem dez cordas, violão tem só seis. Então a viola é mais complicado, pra quem não sabe nada é complicado. Agora, pra quem sabe não, é fácil. E tem pessoas que leva dom mesmo. Ele pega a viola e... Por exemplo, o Marcos [Maciel] mesmo dá aula aí, tem uns alunos dele aí que toca bem, porque aprendeu com o Marcos. Mas já tem outros que vai lá e o Marcos mesmo diz: “não, realmente você tem que tentar aprender outra coisa porque na viola você está difícil”.

Daniel: E a convivência com o mestre é importante?

Joaquim: É importante, importante porque o Marcos, por exemplo... O Marcos começou a girar a Folia ele era novinho, pequenininho. E a família do Marcos era muito rigorosa. Eu é que fiz que o Marcos saísse mais debaixo das asas do pai e da mãe, porque eles eram super rigorosos. O tio dele - quem cantava comigo era o tio do Marcos -, mas ele ficou de idade, começou a tomar umas, está vivo até hoje, mas bebeu demais e era um cara excelente, cantava bem, mas depois ele começou a beber muito e não deu. Aí a gente começou a levar o Marcos quando ia pra Folia de Planaltina, o tio dele cantava comigo, ele era pequeno. Ele ia só pra observar. Lá ele fazia um servicinho, tocava alguma coisinha - ele aprendeu a tocar violão cedo, o Marcos. Então ele ia tocar, mas se o tio dele fosse dormir... Porque o tio dele era assim, acabava de jantar, rezou o bendito da mesa, agradeceu a mesa, aí ele já ia direto pra cama e levava o Marcos. E o Marcos rapazinho... Eu via aquilo tão errado, mas eles eram tão rígidos que eu não falava nada. Depois com o passar do tempo eu fui falando pro tio dele: “deixa o Marcos aqui comigo, o Marcos está rapazinho já”. “Ah, mas o pai dele mais a mãe dele não aceita”. “Aceita, conversa com eles, isso é besteira”. Depois que eles tomaram muita confiança em mim, o tio de Marcos deixou o Marcos comigo. Aí ele ia dormir e o

Marcos ficava comigo, e eu era responsável pelo Marcos. E aí o Marcos começou a crescer e começou a aprender, e hoje é um folião excelente. Estou ensinando, ele já guia bem. A gente que ensinou ele. E a esperança que eu tenho é dele ficar no meu lugar, porque daqui uns anos eu não vou guiar mais e o Marcos está pronto. O Marcos hoje é um guia de Folia. Só falta umas coisinhas, uns respaldos... Que ele não tem muita paciência de mexer com gente. E o guia tem que ser maneirado. É igual eu falei, tem que ter jogo de cintura - e o Marcos não tem. É porque a tradição dele é isso: “é isso é isso e acabou”. E ele não muda. E não pode ser assim, você tem que ser meio maneirado. Mas eu estou conseguindo... Ainda falta esse trabalho no Marcos, porque qualquer coisa que a pessoa falar que ele não gostar, ele já fica chateado e sai de perto da pessoa, já larga a pessoa pra lá e não pode ser assim. Às vezes a pessoa te fala uma coisa aqui e te maltrata, você vai até ele, conversa com ele, chega lá, ele vai mudar de ideia e pede até desculpas a você. “Não, não era isso que eu queria falar, é porque eu estava nervoso, eu falei isso, mas me desculpe”. E o Marcos ainda não sabe fazer isso. Ele é excelente, é um cara excelente, o Marcos é o cara da minha confiança. Se eu estou na Folia e falo que vou ter que sair, é a única pessoa a quem eu entrego, é ao Marcos. E o Marcos fica responsável. Desde criança ele é bem responsável. Você falou pra ele: “Marcos, é pra fazer isso, ele só faz aquilo que você falou”. Hoje mesmo, quem vai alvarar a Folia é ele. É nós dois, mas eu ponho ele. Mas ele não faz uma coisa se ele não tomar opinião comigo. “Como é que faz?” “Pode fazer assim e assim. Você faz assim e assim que dá certo”. Então é um aluno, é uma pessoa excelente o Marcos, muito obediente. E a esperança que eu tenho é que quem vai tomar meu lugar pra ficar aqui é o Marcos. Tem outros aí também, mas a minha confiança primeiro é no Marcos. Tem um rapaz meu primo que ele canta junto comigo hoje Catira, às vezes eu canto mais Marcos, canto mais meu primo. Mas o cara da confiança é o Marcos. É um cara responsável.

Domingos: Então essa Folia de hoje tem dois guias? Como é?

Joaquim: Agora nós usamos dois guias. Por quê? Porque antes, coisa que eu achava errado também, colocava o guia e colocava contra guia. Só que o contra guia do guia não é guia. E se o guia adoecer, tiver que ir embora? Quem é que toca a Folia? É super errado o que os antigos faziam. Quer dizer, eu e o Marcos: eu sou o guia e o Marcos é o contra guia. Aí eu adoço, tenho que vir embora, e quem vai tocar a Folia? O Marcos não tem capacidade, ele é contra guia, ele não é guia. Só na nossa Folia que eu faço isso, os outros ainda tem essa besteira de contra guia. Mas na minha Folia, Folia que eu guio não, é dois guias. Se eu venho embora ele assume. Contra guia não tem. Qualquer um serve pra ser contra guia, se eu souber remedar você. E eu mais o Marcos tem outra diferença que a gente aprendeu: ninguém remeda um ao outro. As cantorias nossas, quem gasta meia hora nós gasta vinte e cinco minutos, ou quinze minutos só, porque nós é assim: eu falo uma coisa, ele fala outra, mas tudo dentro do... É no mesmo tom, na mesma linhagem, na mesma do que está fazendo, entendeu? Então é muito difícil você achar dois guias que faz isso. Portanto, quando nós chega na Folia as pessoas falam, “eu gosto desses dois aqui porque se é uma coisa que vai gastar meia hora eles gasta só quinze minutos”. Porque eu falo uma coisa, o

Marcos fala outra, ele fala outra, eu falo outra, então anda rápido. E aquela pessoa em que o contra guia é só pra remedar o guia, então o contra guia fica falando a mesma coisa que o guia falou. Então tem trabalho que vai quase uma hora ou quarenta minutos. E se for igual eu mais ele, gasta só vinte. Então, nós ganha muito tempo com isso. Por isso que as pessoas, às vezes, preferem muito que nós guie a Folia por causa disso. Porque ganha tempo. Porque outras pessoas, outras Folias, quando vai jantar é onze horas da noite. Tem Folia que janta meia noite, começa a jantar meia noite, metade do povo já foi embora. Então isso não pode, nós não aceitamos esse negócio. É nove, nove e meia está jantando, não pode. Mas porque nós aprendeu a trabalhar assim, eu já fazia isso mais o tio dele. E aí quando o Marcos veio eu falei: “é, agora você tem que fazer igual o seu tio, não vamos perder tempo não, vamos fazer assim. Cada um faz um verso mas tudo dentro do padrão, não pode sair do padrão. Você vai cantar no altar, é lá e no cruzeiro - porque tudo é diferente um do outro não tem nenhum igual”. Então por isso que é importante que você ganhe muito tempo com isso e as pessoas gostam. Porque o guia fala, o contra guia vem e remeda a mesma coisa? Todo mundo já ouviu o que o guia falou, contra guia vem e fala a mesma coisa, fica sem a credibilidade. E aí quando você faz dessa maneira que nós faz as pessoas gostam de ouvir. Porque eu falo uma coisa e ele fala outra, mas tem que ser trovado, não pode ser sem trova não. Porque o cantador que não trova o verso, ele pra mim não é cantador. Então se você faz um verso aqui de uma música, se você não trovar no final... No final você está dando um resultado do que o que você queria falar. E se você não trova não tem resultado nenhum. É a mesma coisa: qualquer um de vocês pode ser guia. O que vem na cabeça vocês falam, aí Espírito Santo, não sei o que e não sei o que, o outro vem e fala a mesma coisa que você falou, mas se não tem trovamento... O difícil do cantador é iniciar a primeira palavra aqui e terminar com a última dando certo com a primeira. Quer dizer, você fala *pai e filho Espírito Santo, fizemos o sinal da cruz, é o nome das três pessoas, do nosso amado Jesus*. Quer dizer, encontrou o que eu comecei com o final. Se o cantador não fizer isso, pra mim não é cantador não. Na Folia, não. Porque a Divindade é uma coisa muito fina, muito, requer muita... Mas você tem que trovar o verso, cantador que não trova o verso pra mim ele não rende. Porque é a mesma coisa que você fazer a operação da prova e não tirar a prova final - então não adianta, você não sabe o que que deu. E o cantador é a mesma coisa. E eu mais ele faz isso e dentro do padrão, que é bem trovado um com o outro. Tem que ser trovado. Não pode ser sem trova.

Domingos: E essa Folia que o senhor está guiando há 27 anos, quem a começou?

Joaquim: João de Souza Lima. João de Souza Lima foi o cara que começou. Ele veio da Bahia, ele é baiano. Essa rua minha aqui, isso aqui chama Rua Piauí o nome, mas antes ela tinha o nome de Rua da Palha, porque as casas tudo era de palha. Essa rua aqui não tinha nenhuma casa de alvenaria. Tudo era palha. Então tornou a Rua Palha, chama Rua da Palha. Depois que veio as construção, essa rua tinha quase só piauiense. Os piauiense mudou pra essa rua, tomou conta. Por isso que chama rua Piauí. Porque só tinha gente do Piauí morando aí. Então, naquela época a Folia andava só aqui. Todo ano era tradição de fazer a Folia nessa

rua. Porque essa Vila Vicentina aqui que é a tradição dessa Folia. Então nessa rua minha aqui chamava Rua Piauí, Rua da Palha, essa onde a Folia girava. E aí eles começaram aquela Folia com banda, com zabumba, todo mundo - não tinha caixa, não tinha viola, não tinha nada. Aí depois que o Souza Lima veio pra cá, tinha um guia aí que era até amigo meu, já morreu, eles transformaram a Folia em cantoria. Colocaram um cruzeiro perto da igreja e aqueles folião mais velho cantaram pela primeira vez nesse cruzeiro, e daí nasceu a Folia. Aí que levaram a Folia pra zona rural. Porque antes a Folia só era aqui dentro. Não tinha Folia na zona rural. Depois que a Folia começou a vir da zona rural e nunca mais voltou pra cá. Sempre sai da zona rural, até hoje está saindo da zona rural. Hoje as Folias que gira nas ruas são só as paróquias daqui mesmo. Cada paróquia tem uma Folia. Então essas Folias andam na cidade, mas nós não.

Domingos: Pro senhor, o que é memória?

Joaquim: Memória? Rapaz, pra mim a memória é quando a gente tem uma memória boa que consegue gravar as coisas. No meu entendimento é assim. Eu tenho uma memória boa porque consigo gravar as coisas com facilidade. Pras outras pessoas memória pode ser outra coisa, mas pra mim não, eu trato assim: quando eu consigo gravar as coisas é que eu tenho uma memória boa. Então a minha memória é o seguinte: eu consigo gravar, captar tudo que passa e depois se eu precisar tirar alguma coisa... Está tudo gravado na minha memória. Então eu digo que eu tenho uma memória boa, hoje já não está como eu tinha. Igual te falei aquela hora, se eu ligasse no celular seu não precisava de eu anotar, qualquer dia que eu quisesse ligar nele eu sabia o número. Hoje não estou dando conta, pouco, mas não é como era mais. Pra mim memória é isso. Pra outras pessoas, talvez tenha outro significado. Mas pra mim é isso.

Domingos: E o que é a vida?

Joaquim: A vida? Para mim a vida é tudo. Se você tem vida, você tem tudo. Primeira coisa é a saúde: se você tem saúde você tem vida. E a vida é você no dia a dia. Você nasce, você cresce, você fica adulto, passa a ter família e cuidar da família, cuidar de todas as coisas que pertencem a você, ajudar as pessoas também - pra mim ali forma uma vida, que você tem aquela vida até enquanto você viver. Nós nasceu porque Deus pôs nós no mundo, nós tem que cumprir aquele andamento ali. Pra mim vida é isso, é você viver o que você quer viver. Você quer passear, você quer trabalhar, você tem que ter sua vida livre. Não é aquela pessoa que vive preso, por exemplo, não consegue fazer nada porque não tem vida, ele é preso, ele não manda nele, quem manda nele são as autoridades, que ele fica cumprindo ali. Então pra mim uma pessoa dessa não tem vida. A vida é ser liberto, você ser à vontade. Você faz aquilo que você acha que deve, que você gosta. Pra mim uma vida correta é essa.

Domingos: Se o senhor pudesse deixar uma mensagem pra quem está começando nessa vida de ser guia, folião, qual mensagem o senhor deixaria?

Joaquim: Eu deixaria uma mensagem assim: que as pessoas aprendessem, mas que não tentasse tirar proveito do que aprende. Porque se nós aprende é um dom que Deus dá pra gente. Então Deus deu aquele dom pra você usar. Muita gente às vezes vira um guia de Folia, por exemplo, e as pessoas precisam daquele guia pra fazer uma Folia, até quem fez uma promessa. E a pessoa cobra pra fazer isso. A mensagem que eu deixo é que as pessoas não fizessem isso. Nós teve aquele dom que Deus deu pra nós, mas pra que nós ajudasse as pessoas, nós fizesse o serviço nosso voluntário. Não precisava cobrar disso, não precisa tomar, querer vantagem em cima disso. Nós somos aquela pessoa que Deus deu o dom e que nós vai cumprir o dom enquanto nós viver, mas aquilo ali é assim. É pra fazer o que Deus pediu pra nós, o dom que Deus deu pra nós, fazer quanto precisar e não usar isso pra se dar bem em algumas coisas. Acho isso muito feio, não faço isso. Eu faço porque gosto e agradecendo o dom que Deus me deu e ajudar as pessoas. Porque é igual eu disse, tantas pessoas que queriam ser guia... Mas ele não consegue ser guia. Outro queria ser igual vocês, jornalista, não consegue também. Então, que use o seu trabalho que Deus pediu pra usar, mas sem contar vantagem daquilo, sem requerer vantagem sobre aquilo. Essa é a mensagem que eu dou. E que aprenda e que faça isso também de bom coração. Tudo que você faz de bom coração você tem um bom resultado. Se você fizer a coisa amargurada, você não vai ter resultado. Então depois que você diz pra pessoa que vai ajudar, ajude de bom coração, satisfeito, alegre e que Deus vai abençoar tudo aquilo. Talvez você vai receber mais do que você fez. Igual eu. Eu às vezes eu falo com o Divino assim e agradeço ele pelo que ele tem me feito. Porque as coisas que ele já me deu é muito mais do que eu contribui pra fazer. Então essa é a mensagem que eu deixo.

Domingos: Será que o senhor poderia fazer só uma cantoria pra gente finalizar?

Joaquim: Uma cantoria, pode...

[Toca viola caipira e canta versos de sua autoria]:

*Meu sentido foi no céu
Depois na terra voltou
Foi pedir Deus os poderes
A quem o mundo criou*

*Meu divino pai eterno
É o dono da verdade
Pede poder e sabedoria
Pra eu cantar na divindade*

*Hoje peço às três pessoas
Na sintonia que eu estou
Peço perdão dos meus pecados
Jesus Cristo salvador .*

Joaquim: Por aí vai! Vai emendando aqui...

Domingos: Seu Joaquim, muito obrigado!

Joaquim: É. Eu agradeço vocês de ter vindo aqui também, venham mais vezes pra nós bater papo, conversar. É gostoso. Eu gosto de conversar, bater papo. Ou vir uma hora sem Folia mesmo, pra bater papo, vamos lá na minha fazenda. La que é bom pra nós ficar... Com um rião pra tomar banho lá. É muito bom lá!

[Toca viola caipira e canta versos de sua autoria de Folia de Reis]:

*E a noite já era tarde
Foi quando o galo cantou
Anunciando que em Belém
Já nasceu o Salvador*

*Já nasceu o Salvador
Numa noite de natal
Numa pobre manjedoura
no bafejado dos animal.*

Joaquim: Aí já e um tom diferente que a gente canta. Tem vários tipos de Reis, tem outra música também.

[Toca viola caipira e canta versos de sua autoria]:

*Pai o filho e Espírito Santo
Pai o filho e Espírito Santo
Fizemos o sinal da cruz
Fizemos o sinal da cruz*

*São três palavras sagradas
São três palavras sagradas
Formam o nome de Jesus
Formam o nome de Jesus.*

Joaquim: Então é assim. Cada Folia que você vai, você tem que usar uma música diferente - essa é de Reis. E aí, cada Folia é um tom diferente. Mas o tom mais alegre mesmo é do Divino... Até as cores do Divino, é mais bonita, é branco, vermelho, amarelo. Festa mais bonita é do Divino.

Daniel: E como que é a Folia de São Sebastião?

Joaquim: São Sebastião? Folia de São Sebastião é assim... Porque São Sebastião já não vai em cruz, São Sebastião é pregado num toco. Aí a música de São Sebastião também é

diferente, São Sebastião foi guerreiro, foi soldado que combateu a nação. Então ele trabalhou nessa parte aí de defender o povo. Então São Sebastião é uma nova história, diferente, e foi flechado também. Jesus foi crucificado na cruz e São Sebastião foi flechado num toco. Você pode ver que tem ele com a imagem, ele tem um toco nas costas dele aqui que pega até assim dessa altura... E ele é flechado com as flechas aqui tudo pregado no toco. Então já é diferente, cada santo teve uma missão diferente. Os Reis foi quem levou os presentes para o menino Jesus. São Sebastião já foi pra defender a nação, foi soldado, foi guerreiro, e que usava essas espadas... Então é uma história completamente diferente.

Daniel: E o toque de viola, é diferente?

Joaquim: Também é diferente. São Sebastião, eu não sei se eu lembro aqui agora... [*Dedilha a viola*]. É diferente um do outro, sabe? Eu canto nessa aqui também que eu fiz... Eu canto também, dá certo essa música aqui, mas tem outra, que eu cantei outra hora.

[*Toca viola caipira e canta versos de sua autoria*]:

*Deus vos salve alegre hora
Deus vos salve alegre hora
Que o São Sebastião chegou
São Sebastião chegou*

*De frente com esta morada
De frente com a morada
Visitando os morador
Visitando os morador*

*Ele vem trazendo as bênçãos
Ele vem trazendo as bênçãos
As bênçãos de nosso senhor
Pra louvar nosso senhor*

*Mártir São Sebastião
Mártir São Sebastião
Foi soldado e foi guerreiro
Foi soldado e foi guerreiro*

*A pedido de Jesu
A pedido de Jesus
Jesus Cristo verdadeiro
Jesus Cristo verdadeiro.*

Joaquim: Mas tem outra música dele, é porque eu não estou acertando aqui, mas tem outra música. A gente canta nessa e canta na outra, mas ele tem a música dele próprio. É igual a Nossa Senhora, essa afinação aqui não dá pra cantar de Nossa Senhora, é diferente também. Completamente diferente.

Domingos: Folia de Nossa Senhora?

Joaquim: É, Folia de Nossa Senhora é diferente.

Tati: Quando que é essa Folia de Nossa Senhora?

Joaquim: Dia 12 de outubro que é o festejo.

Domingos: No dia de Nossa Senhora?

Joaquim: É, eu guio uma Folia também de Nossa Senhora, nas fazendas nossas, dia 12 de outubro. Ela começa dia 11 e termina dia 12. Começar você pode começar antes, mas no dia da festa tem que parar. É só naquele dia, entendeu? Então aqui é várias Folias, acaba numa entramos na outra. Se a gente brincar nem trabalhar não trabalha! *[Risos]*. Pois é.

Domingos: Beleza seu Joaquim, obrigado!

Joaquim: Tem que vir com mais tempo pra nós conversar mais. Conversar é comigo mesmo!

Sara: Obrigada!

Joaquim: Depois você tem que voltar pra nós comer a gueroba. Tem até uma aí. Vocês querem levar uma gueroba pra vocês experimentarem, pra comer?
